



II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL x PARAGUAY DE
INVESTIGACIÓN EDUCATIVA
PPGE– Programa de Pós-graduação
Stricto-Sensu em Ciências da Educação-
Programa Brasil- CIA / UNADES

EIXO TEMÁTICO: Currículo, Democracia e Sociedade

Políticas e Pedagogias produzidas pelo Teatro de Cultura Popular¹

DOI - 10.5281/zenodo.8242079

Por Rudimar Constâncio²

O presente artigo é um estrato de minha dissertação de mestrado, no capítulo que se refere às políticas e pedagogias materializadas pelo Teatro de Cultura Popular³, se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e traz algumas reflexões acerca da intervenção pedagógica, que engloba um manancial de políticas e pedagogias realizadas pelo grupo do Teatro de Cultura Popular do Movimento de Cultura Popular, por intermédio do processo de rompimento com os paradigmas educacionais tradicionais vigentes e a construção de uma nova ordem para a cidade do Recife, entre 1960 a 1964. Buscarei trazer para a contemporaneidade a efervescência, o discurso, os conceitos deste Movimento alicerçado nas relações humanas que estão intrincadas com o empoderamento do bem cultural e da alfabetização do homem e da mulher do Recife. Nesse sentido, o Ensino da Arte é um importante meio, pois é a representação sócio-político-estético-cultural da realidade, produzida individual e coletivamente. Diante da necessidade de se comunicar e se expressar, o ser humano foi descobrindo e utilizando diversos meios: a fala, o desenho, a escrita, o som, o gesto, o movimento do corpo, tornando-os forma de expressão e, conseqüentemente, em linguagem artística. Portanto, podemos entender a arte, da maneira que aqui expomos, como construção simbólica e

¹ Ensaio apresentado em resultado do convite para (a) participação na mesa redonda: “BNCC e a pesquisa em educação: o papel do currículo e da formação docente, propostas de intervenção e perspectivas”, realizada no dia 17 de janeiro às 19:15, no Hotel Guarany, inerente à programação do II *Seminário Brasil y Paraguay de Investigación Educativa* que ocorreu nos dias 16, 17 e 18, com atividades atreladas aos eixos temáticos na sede da *Universidad Del Sol* UNADES, em Asunción, capital do *Paraguay*.

² Historiador; Pesquisador; Arte/Educador; Ator; Diretor Teatral; Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol (UNADES/PY); Mestre em Ciências da Educação/Universidade da Madeira (UMa, em Portugal); Especialista em Ensino das Artes (UFPE); na atualidade é o Gerente do Sesc Piedade/PE e Coordenador Geral do Congresso Internacional SESC de Arte/ Educação. Publicou: “Circo Social: a experiência da Escola Pernambucana de Circo” Recife: Ed. Autor, Financiado por Funcultura/PE 2011 e Teatro de Cultura Popular: uma prática teatral como inovação pedagógica e cultural no Recife (1960-1964), Recife, CEPE, 2017.

³ Teatro de Cultura Popular: uma prática teatral como inovação pedagógica e cultural no Recife (1960-1964). Dissertação de Mestrado, UMa/PT, 2015.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



estética, compondo-se de um sistema de signos que se articulam de acordo com as especificidades de cada linguagem. Desta forma, aprender artes hoje envolve, simultaneamente, a vivência da sensibilidade (exploração dos diversos sentidos), da atividade intelectual (construção cognitiva e estética) e das habilidades físicas (procedimentos técnicos), o que colabora para a organização articulada do pensar e agir, que influi no processo de aprendizagem e integração social do ser humano.

Palavras-chave: MCP/TCP; Práticas Pedagógicas; Políticas.

RESUMEN

Políticas y Pedagogías encarnadas por el Teatro de Cultura Popular

Por Rudimar Constâncio
rudimarconstancio@gmail.com

Ese artículo es un fragmento de mi disertación de maestría, en el capítulo que hace referencia a las políticas y pedagogías encarnadas por el Teatro de Cultura Popular³, se caracteriza por ser una investigación bibliográfica y esboza algunas reflexiones sobre la intervención pedagógica, que incluye unas políticas y pedagogías llevadas a cabo por el grupo de Teatro de Cultura Popular del Movimiento de Cultura Popular, mediante el proceso de ruptura con los paradigmas educativos tradicionales actuales y la construcción de una nueva directiva para la ciudad de Recife, entre 1960 y 1964. Intentaré traer a la realidad una efervescencia, el discurso, los conceptos de este Movimiento rico por intrincadas relaciones humanas como el empoderamiento de las habilidades culturales y de alfabetización de las mujeres y hombres de Recife. En este sentido, la Enseñanza del Arte, es un medio importante, debido a la representación sociopolítica, estética y cultural de la realidad, producida individual y colectivamente. Ante la necesidad de comunicarse y expresarse, al ser humano le tocó pensar y utilizar distintos medios tales como el discurso, el dibujo, la escritura, el sonido, el gestual, el movimiento corporal, convirtiéndose en una forma de expresión y, en consecuencia, en el lenguaje artístico. Así pues, podemos entender arte porque aquí lo exponemos como construcción simbólica y estética, componiéndose de un sistema de signos que se articulan en conformidad con las especificidades de cada lengua. Así, el aprendizaje de las artes de hoy implica, simultáneamente, la experiencia de la sensibilidad (exploración de dos sentidos diferentes), la actividad intelectual (construcción cognitiva y estética) y las habilidades físicas (procedimientos técnicos), que colaboran para una organización articulada del pensamiento y pensado, que influye en el proceso de aprendizaje humano e integración social.

Palabras-clave: MCP/TCP; Práticas Pedagógicas; Políticas.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo compreender as bases políticas e pedagógicas do grupo de Teatro de Cultura Popular, em seus processos criativos, no ambiente da aprendizagem e nas relações entre os sujeitos.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Enquanto pesquisador, professor e artista de teatro e à luz da reflexão sobre minha trajetória como educador, buscarei trazer para a contemporaneidade a efervescência, o discurso, os conceitos deste Movimento alicerçado nas relações humanas. Trata-se de um estudo estimulante e desafiador, pois as ações políticas e pedagógicas deste grupo de teatro estão intrincadas com o empoderamento do bem cultural e da alfabetização do homem em sentido amplo.

Objeto de estudo, por excelência, o Ensino da Arte é importante na escola e fora dela, pois é a representação sócio-político-estético-cultural da realidade, produzida individual e coletivamente. Diante da necessidade de se comunicar e se expressar, o ser humano foi descobrindo e utilizando diversos meios: a fala, o desenho, a escrita, o som, o gesto, o movimento do corpo, tornando-os forma de expressão e, conseqüentemente, em linguagem artística. Portanto, podemos entender a **arte**, da maneira que aqui expomos, como construção simbólica e estética, compondo-se de um sistema de signos que se articulam de acordo com as especificidades de cada linguagem.

Dar acesso à arte/educação, como produção estética, cultural e histórica, é estimular o desenvolvimento do percurso pessoal criador dos alunos. Aprender artes hoje envolve, simultaneamente, a vivência da sensibilidade (exploração dos diversos sentidos), da atividade intelectual (construção cognitiva e estética) e das habilidades físicas (procedimentos técnicos), o que colabora para a organização articulada do pensar e agir, que influi no processo de aprendizagem e integração social dos alunos. Além disso, favorece o diálogo com a cultura no âmbito local, regional, nacional e internacional, com os meios de comunicação e com as novas tecnologias. Assim, o ensino de artes contribui para a construção da formação da identidade cultural do aluno.

Ao interagir com as artes, o aluno mobiliza toda a sua capacidade e potencialidade de exercitar os sentidos, observar, perceber, conhecer, criar, representar, compreender a vida poeticamente e transformar a existência de si próprio e do outro em símbolo, sintetizando a sua experiência estética. Aprender artes é maravilhar-se, é brincar com o desconhecido, interagir com a natureza e a cultura, é criar... é o ser, estar e atuar no mundo.

O nosso pensamento de Ensino da Arte está fundamentado na ideia da Abordagem Triangular (BARBOSA, 2010), na articulação de três campos conceituais: o apreciar crítico, mobilizando a percepção e a análise formal e simbólica no ato de ler, a produção em arte; o conhecer e refletir, através da contextualização conceitual,





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



histórica, cultural e estética da produção em arte, e o fazer artístico, oportunizando a experimentação dos processos de criação e procedimentos técnicos ao produzir arte e ao sistematizar os resultados das aprendizagens como também orientá-los nas suas intervenções artísticas.

Como pesquisador, temos investigado a arte circense, o *clown*, a *Commedia dell'arte*, o Teatro/Educação, O Movimento de Cultura Popular, a Inovação Pedagógica, além do nosso interesse pelo teatro político brasileiro, principalmente de Pernambuco. Nesta perspectiva é que buscamos aprofundar o significado das práticas políticas, pedagógicas e filosóficas nos processos de uma educação estético/ética e de sua função social transformadora na formação do homem/cidadão brasileiro.

Neste sentido, este trabalho tornou-se expressivo devido à carência de análises que contemplem de maneira interdisciplinar aspectos educacionais, culturais, políticos e estéticos num estudo de um grupo de teatro. O TCP construiu um fazer teatral de caráter ideológico e de legitimação política, trazendo à luz de seus espetáculos e esquetes teatrais, uma prática pedagógica inovadora e um sentimento de justiça, igualdade e de solidariedade, que serviram de espelho para que, no Brasil, outras experiências fizessem ecoar seus princípios, tendo como foco a formação do homem brasileiro, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Outro dado relevante deste trabalho – por ser novo, não existindo nenhuma pesquisa em torno desse objeto –, é que ele se configura como um estudo inovador sobre as práticas políticas e pedagógicas realizadas pelo TCP, cujo propósito era alfabetizar as massas, não somente com o letramento, mas mediando as possibilidades do conhecimento através de códigos, símbolos, signos e com o pertencimento das letras com as artes, constituindo como teatro/educação. Especificamente nesse caso, o teatro, não poderá ser visto como ferramenta, mas inserido no processo dinâmico e dialético (GADOTTI, 1996; 2001) para alfabetização das letras, dos códigos, e para a alfabetização dos sentidos.

Em relação à metodologia deste artigo, caracteriza-se como ensaio e utilizamos como embasamento teórico, autores que vêm pesquisando o MCP/TCP, ou que de alguma forma influenciaram na sua origem e em suas práticas educativas e políticas, inserido no ambiente da aprendizagem e com a formação do homem cidadão brasileiro, tais como: Brandão (2002); Coelho (1986, 2002 e 2012); Dumazidier (2008); Gadotti





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



(1996, 2001); Figueirôa (2006); Fino, (2008); Freire (2011); Mendonça (1968); Ramos (2008); Rosas (1986, 2002); Soares (1982), entre outros.

Neste ensaio pretende-se analisar a contribuição do Teatro de cultura Popular nos aspectos políticos e pedagógicos. O texto foi estruturado nos seguintes tópicos: As Bases Políticas do Teatro de Cultura Popular; As Bases Pedagógicas do Teatro de Cultura Popular e Considerações Finais.

1. As Bases Políticas do Teatro de Cultura Popular

O Movimento de Cultura Popular (MCP) nasce da necessidade de uma ação política, cultural e educacional, de inserção do “povo” na sociedade, no período de 13 de maio de 1960 a 31 de março de 1964. Convém destacar, a concepção do pensamento desse movimento nos seus aspectos políticos e pedagógicos. Para tanto, é necessário redimensionar essa história que pede revisitações e redefinições, por tudo o que foi construído por homens e mulheres que até hoje nos legam sua herança. Esse trabalho busca a singularidade destas ações e representações, tentando encontrar algumas respostas para questões, por vezes inesperadas, afinal “Não existe o termo exclusivo e privilegiado do fazer histórico” (REZENDE, 1987, p. 9).

No período compreendido entre 1959 e 1964, anos de intensas convulsões políticas e sociais, o mundo se encontrava dividido em dois blocos: os capitalistas e os comunistas. O Brasil, em particular Pernambuco, empenhado em apreender as novas ideias socialistas, provocava as elites temerosas de mudanças político-sociais, elites que queriam manter a qualquer custo seu *status quo*. O pavor dessa fatia da população era, principalmente, de que ocorresse uma revolução advinda das bases, como na Rússia, já que, bem perto, existia o exemplo de Cuba. Além disso, havia no processo histórico do estado de Pernambuco, uma tradição de insurreições ocorridas desde a colonização, passando pelo Império, até chegar à República. A oligarquia pernambucana tinha a noção exata das dissensões históricas.

Em Pernambuco, um estado basicamente agrário, que cultuava todos os vícios das velhas oligarquias – “voto de cabresto” e punições violentas aos que não obedeciam às regras estabelecidas pelos donos do poder –, este continuava sendo um momento histórico desolador para a classe baixa (de poder aquisitivo minúsculo), que imperava em todo o território brasileiro, principalmente no Nordeste.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Para combater a miséria estabelecida e frear revoltas maiores, o momento era de criar um projeto político que desse ao povo um mínimo de esperança. Nessa perspectiva, a Frente do Recife⁴, liderada por Miguel Arraes, juntamente com os socialistas, comunistas, cristãos – católicos e protestantes – e todas as esquerdas existentes deram um grande passo político:

[...] uma opção pela unidade das forças populares e pelo fortalecimento de um núcleo dirigente capaz de comandar, pelos meios institucionais, a luta pelas reformas consideradas imprescindíveis à emancipação nacional. Neste sentido, representava uma superação à alternativa de privilegiar as alianças com a chamada burguesia industrial. Na verdade, porém, a opção era mais circunstancial do que mesmo um posicionamento tático definido no sentido de construir um projeto autônomo para as classes populares. O caráter eleitoral tendia a prevalecer sobre as injunções político-ideológicas (SOARES, 1982, p. 48).

Em 1959, Miguel Arraes, Prefeito da Cidade do Recife, eleito com apoio das esquerdas, comprometido com as alas mais progressistas e imbuído da vontade de mudar as estruturas sociais *da cidade*, imprime ao seu governo um caráter popular, buscando mudar definitivamente o perfil da capital. Uma de suas iniciativas foi a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), que se prestaria a realizar um projeto político-pedagógico-cultural para a cidade.

Arraes conseguiu apoio da classe média, o que lhe deu mobilidade para avançar com os projetos de infraestrutura e reuniu os mais diversos segmentos da sociedade: profissionais liberais, representantes das igrejas, integrantes da Ação Popular e do Partido Comunista Brasileiro, em uma confluência de tendências ideológicas em prol de um “único” pensamento: “mudar a realidade das camadas mais pobres” (COELHO, 2002, p.43).

Diante de um cenário de muitas fragilidades, de incertezas nas mudanças, o MCP, através de seu presidente, Germano Coelho, convida Paulo Freire (1921-1997), para participar do movimento. Freire torna-se então membro efetivo e Diretor Executivo

⁴Frente do Recife. Em 1955, na primeira eleição popular para Prefeitura da capital, Miguel Arraes foi lançado candidato a Prefeito pela Frente do Recife, coligação que reunia seu partido, PSB, o PTB e o PTN, com apoio dos comunistas.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



do Departamento de Documentação e Cultura (DDC), órgão que, segundo o próprio Germano Coelho, “era uma espécie de Secretaria de Cultura do Município” (COELHO, 2002, p.45).

O Teatro de Cultura Popular (TCP) é o grupo de teatro criado pelo MCP para dar sustentação ao projeto cultural e educacional do governo de Miguel Arraes, em uma perspectiva de educação conscientizadora. Notabiliza-se não só por se originar de movimentos políticos, mas também por empreender uma abordagem da cultura popular, como forma de aproximar o teatro das camadas operárias e camponesas, buscando a concretização de um teatro popular.

As atividades do grupo iniciam-se por meio da Divisão de Teatro do MCP, departamento ao qual está ligado. O TCP é formado por católicos, protestantes, comunistas, trotskistas, existencialistas cristãos, socialistas, todos sob a coordenação do ator e encenador Luiz Mendonça (1931-1995).

O TCP e, por extensão o MCP, trabalhou na perspectiva da preservação da autonomia do sujeito e na crença de que a aprendizagem passa pelo desenvolvimento humano. Parte-se então da ideia de que todos os homens podem adquirir conhecimento, uma vez que não nascem com tais predicados, e sim adquirem com a vivência, com a escola. Vê-se, então, que o conhecimento é algo forjado, fabricado, como observa Foucault: “O conhecimento foi, portanto, inventado. Dizer que o conhecimento foi inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer, de maneira mais precisa, por mais paradoxal que seja, que o conhecimento não está em absoluto inscrito na natureza humana” (2003, p.16). Portanto, *qualquer ser humano pode forjar para si mesmo o conhecimento*. Essa seria a marca maior do projeto político-ideológico e estético do grupo.

Ao analisar a trajetória do Movimento de Cultura Popular, e seu afiliado, o Teatro de Cultura Popular, percebe-se que eles foram alicerçados a partir da junção de intelectuais importantes do estado de Pernambuco, no intuito comum de que esse movimento levasse o homem do povo a redescobrir valores éticos, morais, culturais, críticos e se tornasse senhor de seu destino (que cada um fosse sujeito de sua própria existência). Deve-se ampliar este empoderamento, inclusive, no processo eleitoral como cidadãos alfabetizados, capazes de ser livres e de eleger candidatos progressistas, habilitados a realizar as reformas necessárias para uma vida mais digna.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Em síntese, esse trabalho pretendeu-se ser uma análise crítica dos paradigmas políticos e pedagógicos sobre os quais o TCP se debruçou e, por meio deste ensaio, dar nossa própria visão acerca de seus resultados. Além disso, almeja-se o registro e a divulgação do processo deste grupo de teatro que contribuiu para o surgimento de um ambiente propício às práticas pedagógicas inovadoras, a partir de uma proposta de ensino-aprendizagem aberta para os menos favorecidos, através da alfabetização e da arte, tanto no Recife, como em Pernambuco e no Brasil.

No próximo tópico, detemos-nos nas práticas pedagógicas realizadas pelo TCP, a partir dos estudos, conceitos e concepções tratados na obra de Fino, como a reflexão, que se segue: “a inovação pode começar na ideia, mas envolve obrigatoriamente as práticas. E essas só são verdadeiramente entendíveis se olhadas de dentro” (2008, p.3).

2. As Bases Pedagógicas do Teatro de Cultura Popular

Os estudos acadêmicos acerca do movimento cultural de grande expressão política e pedagógica para as artes e educação do Século XX, realizado na cidade do Recife e irradiado para todo estado de Pernambuco, e mesmo para o Brasil, são escassos. Trata-se de estudos sobre o **Movimento de Cultura Popular (MCP)**, do qual emana o Teatro Experimental de Cultura, antes de ganhar em definitivo o nome de **Teatro de Cultura Popular (TCP)**. Não existem trabalhos que façam a conexão entre o Teatro de Cultura Popular (TCP) e suas práticas pedagógicas. Este grupo, que existiu no Recife entre 1960 e 1964, esteve à frente das inovações políticas, estéticas e pedagógicas daquele momento e, por se tratarem de práticas pedagógicas inovadoras é que se coadunam à linha de pesquisa aqui escolhida para levar adiante esta investigação, que resultará em nossa dissertação.

Em uma primeira investida da revisão da literatura acerca do TCP, encontram-se alguns títulos e algumas poucas pesquisas que trabalharam a vida do MCP e do TCP. No entanto, não se apresenta nenhum estudo que objetive estudar as práticas pedagógicas do TCP ou do MCP. O que na verdade veem-se, são diversos depoimentos vivenciados pelos líderes do movimento, ou por admiradores que acabam por imprimir um caráter, quase sempre, ufanista ou uma visão romântica do papel e da importância do Movimento de Cultura Popular e de seu Teatro de Cultura Popular (TCP). Falta-lhes





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



uma visão crítica, uma análise mais profunda dos aspectos políticos, do momento histórico no ambiente da aprendizagem, do processo, das práticas pedagógicas e das relações vividas culturalmente. Além da ausência de rigor científico para que o fenômeno possa ser avaliado em sua totalidade. Estas fontes serão deixadas à parte, para futuros enfrentamentos na pesquisa de campo.

O MCP foi fundado em maio de 1960, constituindo-se em uma sociedade civil sem fins lucrativos, mantida pela Prefeitura do Recife, entre 1960 e 1961, e, posteriormente, pelo governo do estado de Pernambuco, entre 1962 e 1964, nas gestões de Miguel Arraes. Os projetos desenvolvidos tinham por objetivo elevar o nível cultural do povo e assim conscientizá-lo acerca das opressões que sofria. "Educar para a liberdade" era a divisa que conduzia suas ações. A matriz desse pensamento provém do movimento intelectual francês *PeupleetCulture* (Povo e Cultura), de JoffreDumazidier (2008), cujo objetivo maior era “fazer homens fortes, corajosos, com uma consciência clara, na vontade, nos sentimentos, na compreensão do mundo, homens de caráter, livres, generosos, cultos, simples, homens de paz” (COELHO, 2002, p.44).

Em Pernambuco, participaram ativamente do referido Movimento artistas, intelectuais, políticos e educadores, como Paulo Freire, Paulo Rosas, Anita Paes Barreto, Norma Coelho, Josina Godoy, Silke Weber, Aluísio Falcão, Abelardo da Hora, Geraldo Menucci, Mário Cância, José Wilker, José Maurício Carvalheira, Teca Calazans, Eduardo Coutinho, Augusto Boal, Luiz Marinho, José Cláudio, Nelson Xavier, Luiz Mendonça, IvaNiño, Jomard Muniz de Britto, Joacir Castro, Francisco Brennand, Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Geninha da Rosa Borges, Rosa Vasconcelos, entre outros. Todos eles engajaram-se no Movimento, atuando em suas áreas específicas: ensino, pesquisa, artes plásticas, artesanato, música, canto, teatro, cinema, rádio, saúde e esportes.

Na área da educação, Paulo Freire (2011) posicionou-se frente às mudanças sociais, criando uma metodologia de alfabetização que se fundamentava em uma pedagogia crítico-libertadora. Em sua perspectiva, para que o educando avançasse em sua leitura de mundo, apropriando-se do seu espaço, de sua história e passando a se entender como “sujeito da história”, era necessário que todo o processo educativo tivesse como ponto de partida a sua cultura. Consolidava-se, assim, a ideia de *educação como prática para a liberdade*. Esse princípio pedagógico, que considera o educando como corresponsável pela construção do seu saber, é comentado por Kreutz (1979):





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



[...] o princípio pedagógico subjacente à concepção de educação popular que visa ao encaminhamento de transformações quantitativas na ordem vigente é o processo de conscientização, inspirado na ideia de que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si (apud ROSAS, 1986, p. 20).

O combate ao analfabetismo, como processo para o desenvolvimento, era a ordem do dia. O projeto político-pedagógico criado visava à conscientização do aluno, trabalhando a sua própria realidade, estabelecendo uma força política no Nordeste, com bases sólidas no MCP, que tinha como proposição preliminar, segundo Moacir Gadotti, “retirar o povo da ignorância extrema, dando-lhe e munindo-o de uma educação preocupada em valorizar suas raízes, seu dia a dia, sua relação consigo mesmo e com a comunidade em que vive” (2001, p.1). É essa concepção que se pode entrever nos questionamentos contundentes de Paulo Freire: “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” (2011, capa).

Em seu depoimento para o *Memorial do MCP* (1986), Germano Coelho reconhece que havia discordâncias dentro do processo de alfabetização. Uma delas dizia respeito à adoção de material didático. Paulo Freire discordava veementemente da utilização de cartilha ou de qualquer livro preestabelecido na educação de adultos. Para ele, não havia outro caminho que não fosse o do diálogo, o do aprender a questionar e a discutir os próprios problemas. O povo deveria, por essa via, assumir o poder de tomar decisões autonomamente, com a capacidade de organizar sua própria aprendizagem, associando a leitura da palavra à leitura do mundo. O material didático que admitia eram as fichas e os *slides*. E aqui se ressalte um elemento “tecnológico” inovador à época: o uso de *slides* no processo do ensino-aprendizagem.

Comentando a pedagogia de Paulo Freire no que se refere ao fazer cultural, Brandão afirma: “Na aurora do pensamento de Paulo Freire, fazer cultura popular era trabalhar como educador sobre a cultura, de forma a transformá-la de alienada em popular. Uma cultura própria do povo, desvinculada, purificada de elementos estranhos a ela mesma” (2002, p. 23-24).





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Antes de prosseguir, é importante abrir parênteses para tecer um comentário sobre um termo fundamental e de reiterado emprego neste estudo: *popular*. O mais comum é conceituar “popular” como sendo algo do povo, para o povo, porém que não tenha, obrigatoriamente, de atender às necessidades do povo. É importante realçar que o termo acima relacionado não é empregado com a mesma conotação no MCP. O adjetivo mais perto da realidade a ser utilizado para definir “popular”, dentro dos propósitos desse movimento, seria “oprimido”.

Germano Coelho (2002, 2012) afirma que o método de Paulo Freire nasce no interior do MCP, através dos chamados “círculos de cultura” e que, em sua metodologia, não havia lugar para uma programação cartesiana, elaborada anteriormente. Todo o processo educativo passa a ter como ponto de partida uma consulta aos grupos de trabalho e estudos, que estabeleciam os temas a serem debatidos, com o apoio dos educadores. Dessa forma, no formato da programação, havia lugar fundamental para a interlocução, que resulta na metodologia conhecida como “Pedagogia do oprimido”, obra indispensável para esta pesquisa (FREIRE, 2011).

Esse método foi utilizado nos trabalhos com os **ciclos de leitura** dentro do MCP. Observando os resultados obtidos nessa prática, Freire estende essa metodologia para a alfabetização, concluindo que se funcionava em alto nível de discussão com os grupos populares, independente de serem alfabetizados ou não, poderia se revelar produtivo na educação. Segundo Moacir Gadotti (1996, 2001), Freire estabeleceu o método de formação da consciência crítica.

Paulo Freire foi fortemente influenciado pelas ideologias do final do século XIX e início do século XX, acreditando na “ideia do homem total, do homem em sua plenitude de ser-com-outro” (Gadotti, p.3), advinda de Martin Buber. Para Gadotti, Freire comungava com Carl Rogers na defesa da liberdade de expressão individual, partindo do princípio de que o homem pode resolver seus próprios problemas, desde que motivados anteriormente para isso. Como Célestin Freinet, acreditava na capacidade de o aluno organizar sua própria aprendizagem. De John Dewey, vem a ideia do aprender fazendo, do trabalho cooperativo, da relação entre teoria e prática, o método de iniciar o trabalho educativo pela fala dos alunos. Alinha-se também ao pensamento de Lev Smenovitch Vygostski, Jean Piaget, Hegel, Marx, Kant, Vico, Maria Montessori e Anísio Teixeira, depurando estes pensamentos para o bem do homem, para a humanização deste.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Gadotti (2001) ainda afirma que as duas fontes principais do pensamento de Paulo Freire foram o “humanismo e o Marxismo”, e que, para o mesmo, a “utopia era o verdadeiro realismo do educador”.

A proposta educacional e cultural do MCP passou a ser criticada de forma violenta por diversos segmentos conservadores da sociedade. Internamente, o movimento se fragilizava com os conflitos e as dissidências. Muitos já não se entendiam, tanto por questões políticas como por questões de outra ordem e deixaram o movimento. Aos poucos, desintegrava-se a sintonia que unira o grupo em sua origem.

Um fato que influenciou decisivamente essa grande instabilidade foi a saída do prefeito Miguel Arraes para ser candidato ao governo do Estado de Pernambuco. O governo municipal passa para o vice-prefeito Arthur Lima Cavalcanti, que também deixa a Prefeitura para se candidatar a Deputado Federal, assumindo a Prefeitura do Recife o Presidente da Câmara dos vereadores, Antônio Moury Fernandes, que iniciou uma verdadeira caça às bruxas. Os integrantes do MCP e, sobretudo, Arraes passaram a ser perseguidos de forma acintosa. Todo esse processo enfraqueceu as bases do movimento, que logo se recuperou, com a vitória do seu candidato. Miguel Arraes se elegeu governador de Pernambuco, assumindo o controle do Estado no dia 1 de janeiro de 1963. Em seu discurso de posse, reafirma seus compromissos com as bases populares, conforme se pode constatar no excerto:

E o futuro, para o brasileiro atual, para o pernambucano que me escuta, é logo depois de agora, e cada dia que amanhece. A única diferença está em que cada dia amanhecerá inevitavelmente, que queiramos quer não; mas o nosso futuro, o futuro do povo livre e emancipado econômica e politicamente, esse nós teremos que merecer, que conquistar a cada hora e cada dia. E só nos será possível merecê-lo e conquistá-lo com trabalho e mais trabalho, com sacrifício e mais sacrifício. Sei que o povo de Pernambuco está disposto a isso, que não nos falta disposição para isso. E foi por isso e para isso que ele me colocou no governo. Por isso é que me apresento, senhores representantes do povo, para pedir a todos, para pedir ao povo que se dedique ao trabalho e que me ajude a trabalhar. Acredito ter tudo que um homem precisa para o trabalho e que outra coisa não é senão o que foi dito pelo poeta “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo” (ARRAES, 1986, 160).





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Com Arraes no poder, o MCP ampliou suas bases educacionais e culturais, que se espalharam pelo território pernambucano, gerando uma grande teia de articulação política, desta vez chegando até os camponeses, os cortadores de cana, abrangendo as comunidades mais longínquas e inóspitas. O sistema de Alfabetização de Paulo Freire chegava ao reconhecimento nacional com a implantação do Plano Nacional de Educação, como atesta Astrogilda Paz de Andrade (2006):

O Ministério da Educação mandou chamar Paulo Freire pra ver o método. Aí, no momento em que chamaram para ficar realmente oficial o método no Brasil todo, Paulo Freire estava em São Paulo fazendo um trabalho lá e não pôde vir a Brasília. Jomard e eu fomos apresentar em Brasília. Se marcou o dia (não lembro exatamente o dia, sei que parece no ano de 1963) para o lançamento oficial do método com todas as autoridades de Brasília. E eu e Jomard apresentamos. Jomard apresentou primeiro a parte da fundamentação (e ele é um gênio) e eu depois, em seguida, apresentei a metodologia. Eu tava morrendo de medo, nervosa. Levei ficha, porque eu tinha medo de me enrolar. Eu só sei que devo ter me saído bem, porque o pessoal entendeu tudo e ficou oficialmente lançado (apud BARBOSA 2009, p. 182).

A vida do MCP estava com os dias contados. Com o golpe militar, aplicado no dia 31 de março de 1964, o Governador foi destituído, todas as vias democráticas foram aniquiladas, dezenas de pessoas foram presas, perseguidas, violentadas, torturadas e todo o material do MCP/TCP foram queimados, destruídos. Encerrou-se de forma violenta o sonho de se construir uma nação com dignidade. Os principais líderes do MCP foram presos ou exilados, porém a centelha foi acesa e Paulo Freire, o TCP/MCP contribuíram, sobretudo, para diminuir as diferenças, através de seus métodos, de suas vivências, respeitando o outro em suas diferenças.

No próximo tópico, faremos as considerações finais, respondendo ao objetivo proposto do nosso ensaio.

3. Considerações Finais

O Teatro de Cultura Popular teve papel muito importante no desenvolvimento do Movimento de Cultura Popular. Após a saída de Hermilo Borba Filho e de Ariano Suassuna do Movimento, Luiz Mendonça (1968) passou a liderar o grupo de teatro, desenvolvendo seu trabalho com o objetivo primeiro de criar espaços para a





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



apresentação teatral, e de levar um teatro que conscientizasse as massas. A maneira eficaz de atuar dá-se por meio de vários esquetes e peças teatrais para os Ciclos de Leituras, propostos por Paulo Freire e que eram realizados nas Praças de Cultura, criadas por Paulo Rosas (1986, 2002). Alexandre Figueirôa, assim observa esta ação cultural que vem da observação política e partidária:

O Núcleo do TCP, mais voltado para um teatro político e de propaganda, tinha como objetivo a denúncia explícita da exploração do povo nordestino, atuando, sobretudo, na apresentação de esquetes para ilustrar as conferências realizadas por Paulo Freire nos Centros Educativos Operários, Praças de Cultura do Recife e nas cidades do interior. Freire percebeu o êxito desses esquetes nos comícios e resolveu utilizá-los no seu projeto de alfabetização (2006, p.100).

Encontra-se acima, uma das práticas pedagógicas inovadoras do TCP: a criação de esquetes teatrais e espetáculos que tinham o objetivo de alfabetizar.

O Teatro de Cultura Popular desenvolveu um papel político-ideológico-pedagógico-cultural de grande referência, tanto para a cidade do Recife, como para o estado de Pernambuco, chegando a influenciar as forças do Movimento de Teatro Nacional, através do CPC da UNE (RAMOS, 2008, p.71).

É importante não somente ver, falar e teorizar, mas especialmente vivenciar a inovação pedagógica, como sendo processual. Compreendendo o conhecimento como um ato que está sempre em processo de construção, transformando-se mediante a ação do indivíduo no mundo, da “ação do sujeito sobre o objeto” e do “objeto sobre o sujeito”, dialeticamente. Processo interacionista que reconhece o sujeito e o objeto, como organismos vivos, abertos e em constante intercâmbio com o meio ambiente, compreendendo ainda que o “ser” se constrói na relação, onde o conhecimento é produzido por meio da interação entre os homens e suas contradições, e se reconstrói a partir dos conflitos.

Respondendo ao objetivo proposto neste ensaio, infere-se que a importância deste fazer educacional pelo Teatro de Cultura Popular, teve suas bases na concretude do combate ao analfabetismo, como processo para o desenvolvimento. O projeto político-pedagógico criado visava à conscientização do aluno, trabalhando a sua própria realidade, estabelecendo uma força política no Nordeste, com bases sólidas no MCP.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



Referências

CUNHA, Fernanda Pereira/ BARBOSA, Ana Mae (orgs.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. Ed. Cortez, 2010.

ARRAES, Miguel. Discurso de posse no cargo de Governador de Pernambuco, pronunciado no Recife, perante aAssembléia Legislativa, a 31 de janeiro de 1963. In: *MEMORIAL do MCP*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986, p. 147-160. (Coleção Recife- Vol. XLIX).

BARBOSA, Letícia Rameh. *Movimento de Cultura Popular: impactos na sociedade Pernambucana*. Recife: Ed. do autor, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. In: ROSAS, Paulo (Org.). *Paulo Freire: educação e transformação social*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 23-24.

COELHO, Germano. *MCP: História do Movimento de Cultura Popular*. Recife: Ed. do Autor, 2012.

_____. Pelo resgate da memória do MCP. In: *Memorial do MCP*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986, 9-12.

_____. Paulo Freire e o Movimento de Cultura Popular. In: ROSAS, Paulo (Org.). *Paulo Freire: educação e transformação social*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 31-45.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Trad. Maria de Lourdes Santos Machado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *O teatro em Pernambuco*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2003.

FINO, Carlos Nogueira. *O futuro da escola do passado*. Funchal: UMA, 2008. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/21.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GADOTTI, Moacir. *Contribuição de Paulo Freire ao Pensamento Pedagógico Mundial*. Universidade Nacional da Costa Rica: Cátedra Paulo Freire (Auditoriodel CIDE). San José, 19 abr. 2001. Disponível em: <http://jomariadoria.blogspot.com/2011/05/moacir-gadotti-sobre-paulo-freire-ii.html> Acesso em: 01 mar. 2012.

_____. (Org.). *Paulo Freire uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília/ DF; UNESCO, 1996.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigación Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



MEMORIAL do MCP. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986.

MENDONÇA, Luiz. Teatro é festa para o povo. In: *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Caderno Especial n. 2, 1968, p. 149-159.

RAMOS, Carla Michelle. *Em cena: o teatro no Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE) 1961-1964*: Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Oeste do Paraná, Campus de Irati, 2008.

REZENDE, Antonio Paulo. *Recife: que história é essa?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1987.

ROSAS, Paulo (Org.). *Paulo Freire: educação e transformação social*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

_____. O Movimento de Cultura Popular – MCP. In: *MEMORIAL do MCP*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986, p.19-39.

SOARES, José Arlindo. *A Frente do Recife e o Governo do Arraes*: nacionalismo em crise 1955-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra.





II Seminário Brasil e Paraguay de Investigacion Educativa

13,14 e 15 de janeiro de 2020



www.mestradosmercosul.com.br